



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho

revista fsa

www4.unifsanet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 23, n. 3, art. 5, p. 92-117, Mar. 2026

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

http://dx.doi.org/10.12819/2026.23.3.5

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Juventudes em Cidade Pequena: Percepções, Vivências e Direitos em Gramado dos Loureiros (RS)

Youth in a Small Town: Perceptions, Experiences, and Rights in Gramado dos Loureiros (RS), Brazil

Victor Hugo Nedel Oliveira

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Professor do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: victor.nedel@ufrgs.br

Julya Norma Pedroso Pitol

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: julyapitol@gmail.com

Endereço: Victor Hugo Nedel Oliveira

UFRGS – Av. Bento Gonçalves, 9500, prédio 43.136, gabinete 216, Agronomia, CEP: 91.509-900, Porto Alegre/RS, Brasil.

Endereço: Julya Norma Pedroso Pitol

UFRGS – Av. Bento Gonçalves, 9500, prédio 43.136, gabinete 216, Agronomia, CEP: 91.509-900, Porto Alegre/RS, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 15/01/2025. Última versão recebida em 26/11/2025. Aprovado em 27/11/2025.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender as vivências juvenis em uma cidade pequena, a partir das percepções de jovens escolarizados do Ensino Médio residentes no município de Gramado dos Loureiros, no norte do Rio Grande do Sul. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza aplicada e caráter descritivo, utilizando o estudo de caso como procedimento técnico. A produção de dados ocorreu por meio de grupo focal, possibilitando a escuta coletiva e a interação entre os participantes, cujas falas foram integralmente transcritas e analisadas a partir da análise de conteúdo inspirada em Bardin. Os resultados foram organizados em três eixos analíticos: ser jovem; juventudes e sociedade; e juventudes e direitos. As narrativas evidenciam que a juventude é compreendida como um período marcado por decisões precoces, pressões sociais e construção de projetos de vida, atravessado por estigmas e pela deslegitimação das vozes juvenis em uma sociedade adultocêntrica. No que se refere aos direitos das juventudes, observa-se a garantia parcial de direitos considerados básicos, coexistindo com fragilidades significativas no acesso ao lazer, à participação política, à mobilidade, ao trabalho e ao território. Conclui-se que as vivências juvenis em cidades pequenas são profundamente condicionadas pelas limitações territoriais e pela insuficiência de políticas públicas específicas, reforçando a necessidade de ampliar a escuta, a participação e a efetivação dos direitos das juventudes nesses contextos.

Palavras-chave: Juventudes. Cidade Pequena. Território. Direitos. Participação Social.

ABSTRACT

This article aims to understand youth experiences in a small town, based on the perceptions of secondary school students living in the municipality of Gramado dos Loureiros, in the northern region of Rio Grande do Sul, Brazil. The study adopts a qualitative approach, with an applied and descriptive design, using the case study as the main technical procedure. Data were produced through a focus group, enabling collective listening and interaction among participants, whose statements were fully transcribed and analyzed using content analysis inspired by Bardin. The results were organized into three analytical axes: being young; youth and society; and youth and rights. The narratives reveal that youth is understood as a period marked by early decision-making, social pressures, and the construction of life projects, permeated by stigmatization and the delegitimization of youth voices within an adult-centered society. Regarding youth rights, the findings indicate partial guarantees of rights considered basic, alongside significant shortcomings in access to leisure, political participation, mobility, work, and territory. It is concluded that youth experiences in small towns are deeply shaped by territorial constraints and the insufficiency of specific public policies, reinforcing the need to expand listening practices, participation, and the effective realization of youth rights in these contexts.

Keywords: Youth. Small Town. Territory. Rights. Social Participation.

1 INTRODUÇÃO

As Geografias das Juventudes constituem um campo de investigação relativamente recente no interior da Geografia, voltado à compreensão das experiências juvenis a partir de suas dimensões espaciais, territoriais e relacionais (CARDOSO; TURRA NETO, 2011; OLIVEIRA, 2023; 2024a). Partindo dessa perspectiva, este artigo tem como foco as juventudes de um município de pequeno porte, Gramado dos Loureiros, localizado no norte do estado do Rio Grande do Sul, com aproximadamente dois mil habitantes. O estudo busca compreender como essas juventudes vivenciam o “ser jovem”, considerando suas relações com a sociedade e os processos de garantia — ou não — de direitos, a partir da escuta direta dos próprios sujeitos.

A pesquisa foi desenvolvida junto a jovens escolarizados, estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Adolfo Giordani, única instituição da cidade que oferta essa etapa da educação básica. Ao privilegiar esse recorte, o estudo dialoga com a necessidade de ampliar a produção acadêmica sobre juventudes em contextos não metropolitanos, uma vez que as pesquisas em Geografias das Juventudes ainda se concentram majoritariamente em grandes centros urbanos (OLIVEIRA; PIMENTA, 2022).

A relevância do trabalho se sustenta em dimensões sociais, acadêmicas e legais. Do ponto de vista social, a realização de pesquisas em cidades pequenas contribui para dar visibilidade a realidades frequentemente negligenciadas pelas políticas públicas e pelo debate acadêmico. No âmbito científico, a investigação se justifica pela incipiência de estudos geográficos sobre juventudes fora do eixo urbano-metropolitano, especialmente em municípios de pequeno porte. Já no plano legal, o estudo reconhece os jovens como sujeitos de direitos, dialogando com o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013), que estabelece onze eixos de direitos fundamentais, cuja efetivação depende, entre outros fatores, da escuta qualificada das próprias juventudes (BRASIL, 2013; OLIVEIRA, 2024b; 2024c; 2024d).

A compreensão das juventudes exige o reconhecimento de que o “ser jovem” não corresponde a uma fase natural, homogênea ou universal. Historicamente, a juventude passou a ser concebida como etapa específica da vida a partir da modernidade industrial, associada tanto à preparação para o mundo adulto quanto à necessidade de controle social sobre esses sujeitos (Novaes; Ribeiro; Macedo, 2023). Persistem, ainda hoje, concepções adultocêntricas que deslegitimam as juventudes, ora infantilizando-as, ora responsabilizando-as precocemente por demandas típicas da vida adulta, produzindo processos de estigmatização e silenciamento (LACERDA, 2022; PIMENTA, 2022).

Autores como Margulis e Urresti (1998) destacam que a juventude é atravessada pela noção de moratória social, entendida como a possibilidade de adiar responsabilidades adultas em favor da escolarização, do lazer e da experimentação. No entanto, tal condição constitui um privilégio restrito a determinados grupos sociais, sendo amplamente negada às juventudes das classes populares (ABRAMO, 2005). Por isso, torna-se fundamental diferenciar a condição juvenil — enquanto construção social — das situações juvenis concretas, marcadas por profundas desigualdades de classe, gênero, raça e território (ABRAMO, 1997).

No campo das Ciências Humanas, os estudos sobre juventudes tiveram forte desenvolvimento inicial na Sociologia; contudo, as Geografias das Juventudes emergem ao enfatizar que as experiências juvenis são indissociáveis do espaço. As juventudes produzem e são produzidas por espacialidades diversas, que estruturam práticas, relações e possibilidades de vida igualmente desiguais (OLIVEIRA, 2023). Assim, falar em juventudes no plural significa reconhecer a multiplicidade de identidades, trajetórias e pertencimentos que atravessam o “ser jovem” em diferentes contextos históricos e territoriais (ROLLSING, 2023; SANTOS, 2019).

No Brasil, apesar dos avanços institucionais proporcionados pela Política Nacional da Juventude e pela criação do Estatuto da Juventude, a efetivação dos direitos juvenis permanece fragmentada e insuficiente. A garantia de um direito frequentemente depende do acesso a outros, o que revela a fragilidade das políticas públicas destinadas a esse segmento populacional (OLIVEIRA, 2024B; NOVAES; RIBEIRO; MACEDO, 2023). Programas como o ProJovem, embora relevantes, alcançaram apenas parcelas restritas das juventudes, sobretudo em um contexto marcado pela precarização do trabalho, pela informalidade e pela ausência de políticas estruturantes (FERREIRA, 2023).

As transformações recentes no mundo do trabalho aprofundaram tais desigualdades. A inserção precoce e precarizada das juventudes no mercado, intensificada por processos como a uberização e o discurso do empreendedorismo, tem deslocado responsabilidades do Estado para os indivíduos, reforçando a lógica meritocrática e neoliberal (GREQUE JUNIOR; FRANZ, 2024; BASSO; HUNDERTMARCK; TOLEDO, 2024). Esse cenário foi agravado pela pandemia da Covid-19, que ampliou o desemprego, a informalidade e a vulnerabilidade social, especialmente entre jovens das periferias urbanas e rurais (CARROCHANO, 2023; Oliveira; Santos, 2021).

As desigualdades juvenis também se expressam de forma contundente nas dimensões de gênero, raça, sexualidade e território. Juventudes negras, periféricas e LGBTQIAPN+ enfrentam cotidianamente processos de violência, exclusão e silenciamento, que se

manifestam tanto nas instituições quanto nos espaços de sociabilidade (Fernandes, 2023; Mariro, 2024). O juvenicídio, entendido como expressão extrema da negação de direitos e da destruição de perspectivas de futuro, evidencia como essas desigualdades são territorializadas e seletivas, atingindo majoritariamente jovens negros das periferias urbanas (SCHERER; ECHER, 2023).

Diante desse conjunto de questões, torna-se evidente a necessidade de produzir conhecimento científico ancorado nas realidades juvenis concretas, especialmente em contextos pouco explorados, como os pequenos municípios. Ao investigar as juventudes de Gramado dos Loureiros, este artigo busca contribuir para o fortalecimento das Geografias das Juventudes, reafirmando a centralidade da escuta dos jovens e do reconhecimento de suas experiências como fundamento para a construção de políticas públicas mais justas, territorializadas e efetivas. Mais do que o futuro, as juventudes são o presente que vive, resiste e produz o espaço cotidianamente.

Nesse sentido, o objetivo central da pesquisa consiste em conhecer quem são as juventudes de Gramado dos Loureiros e como percebem sua condição juvenil, buscando responder à seguinte questão: quem são e como vivem as juventudes em um pequeno município do interior do Rio Grande do Sul?

2 METODOLOGIA

A abordagem adotada é qualitativa, por compreender que os fenômenos sociais podem ser apreendidos de forma mais aprofundada quando analisados em seu contexto de ocorrência, considerando as dimensões simbólicas, subjetivas e relacionais que não se deixam reduzir à quantificação (GODOY, 1995). Quanto à natureza, a pesquisa caracteriza-se como aplicada, uma vez que busca produzir conhecimento passível de subsidiar reflexões e intervenções sobre a realidade investigada, especialmente no que se refere à garantia de direitos juvenis. Do ponto de vista de seus objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, voltada à caracterização e à análise das vivências, percepções e posicionamentos dos jovens participantes, sem a pretensão de estabelecer relações causais ou generalizações estatísticas. No que diz respeito aos procedimentos técnicos, a pesquisa configura-se como um estudo de caso, modalidade que possibilita o exame aprofundado de uma realidade social delimitada, considerando suas especificidades históricas, territoriais e institucionais (GIL, 2002).

A pesquisa de campo foi realizada por meio da técnica de grupo focal, entendida como um procedimento qualitativo que promove a interação entre participantes para a discussão de

temas específicos, mediada por um ou mais moderadores (RESSEL *et al.*, 2008). O grupo focal foi escolhido por possibilitar a emergência de discursos construídos coletivamente, favorecendo trocas, contrapontos e aprofundamentos que dificilmente seriam acessados por técnicas individuais. O papel da moderação pautou-se pelo princípio da não diretividade, evitando interferências opinativas que pudessem direcionar ou limitar o fluxo das discussões (CORRÊA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2021).

O espaço empírico da pesquisa, Gramado dos Loureiros, é um município com população estimada em 2.014 habitantes e densidade demográfica de 15,33 hab./km² (IBGE, 2022). Localizado na região norte do Rio Grande do Sul, o município faz divisa com Nonoai e Trindade do Sul e situa-se a cerca de 30 km da divisa com o estado de Santa Catarina, demarcada pelo rio Uruguai. Historicamente, Gramado dos Loureiros foi distrito de Nonoai, teve sua área delimitada em 1979 e foi emancipado politicamente em 1992, por meio da Lei nº 8.541/92. A maior parte da população reside na área rural, e a economia local é fortemente marcada pela agricultura e pela pecuária, com destaque para o agronegócio, especialmente o cultivo de soja, milho e feijão (GRAMADO DOS LOUREIROS, 2025).

Os participantes da pesquisa foram jovens escolarizados do 2º e 3º anos do Ensino Médio da Escola Estadual Adolfo Giordani. O grupo foi composto por nove participantes, sendo uma jovem de 16 anos, cinco jovens de 17 anos e três jovens de 18 anos. Para garantir o anonimato, optou-se pela utilização de nomes fantasia associados a cores (amarelo, azul, branco, laranja, preto, rosa, roxo, verde e vermelho), estratégia que assegurou a confidencialidade das identidades ao longo da análise e da apresentação dos resultados.

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos

Nome fictício	Idade	Etnia	Gênero	Ano escolar	Tempo que reside na cidade	Área rural ou urbana	Trabalho
Azul	18 anos	Branca	Feminino	3º ano	16 anos	Rural	Menor Aprendiz da JBS
Amarelo	17 anos	Branca	Feminino	3º ano	14 anos	Rural	Menor Aprendiz Cotrisal e trabalha na Rádio Comunitária
Branco	17 anos	Indiana	Feminino	3º ano	17 anos	Rural	Jovem Aprendiz Cotrisal

Rosa	17 anos	Branca	Feminino	3º ano	17 anos	Urbana	Jovem Aprendiz Cotrisal
Roxo	17 anos	Branca	Feminino	3º ano	17 anos	Urbana	Sem trabalho no momento
Verde	18 anos	Branca	Feminino	3º ano	17 anos	Urbana	Sem trabalho no momento
Laranja	17 anos	Branca	Masculino	2º ano	7 anos	Urbana	Jovem Aprendiz Cotrisal e Agricultor
Vermelho	16 anos	Branca	Feminino	2º ano	2 meses que voltou para a cidade	Rural	Sem trabalho no momento
Preto	18 anos	Pardo	Masculino	3º ano	18 anos	Rural	Trabalha redondeza de casa (Agricultor)

Fonte: banco de dados da pesquisa (2025). Organização: autores (2025).

A organização do grupo focal ocorreu em dois momentos principais. No primeiro, foram realizadas a apresentação da pesquisadora e da pesquisa, a explicação sobre os objetivos e a dinâmica do grupo focal, a verificação e assinatura dos termos éticos, a checagem dos equipamentos de gravação e a coleta de informações gerais para a caracterização dos participantes, além da escolha dos nomes fantasia. No segundo momento, o debate concentrou-se nas vivências juvenis dos participantes, a partir de questões norteadoras previamente elaboradas, com flexibilidade para o aprofundamento de temas emergentes ao longo da interação grupal.

A análise dos dados foi inspirada na proposta de análise de conteúdo de Bardin (2011), estruturada em três etapas. A primeira correspondeu à organização do material, realizada por meio da transcrição integral das gravações do grupo focal e da seleção dos trechos pertinentes à pesquisa. A segunda etapa consistiu na exploração e análise do material, com leitura atenta e sistemática das falas, buscando identificar regularidades, sentidos e recorrências discursivas. Por fim, procedeu-se à interpretação e validação dos resultados, articulando os dados empíricos ao referencial teórico adotado. As falas foram organizadas em três eixos analíticos: *Ser jovem*, *Juventudes e sociedade* e *Juventudes e direitos*, os quais orientaram a interpretação dos dados e a estruturação dos resultados.

No que se refere aos cuidados éticos, a pesquisa respeitou os princípios éticos previstos para estudos com seres humanos. Considerando que a Escola Estadual de Ensino Médio Adolfo Giordani é a única instituição do município que atende jovens a partir dos 15 anos — faixa etária definida pelo Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013) —, tornou-se necessária a identificação da instituição. Antes da realização do trabalho de campo, foram obtidas as autorizações por meio do Termo de Anuência Institucional, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para participantes maiores de idade e responsáveis legais dos menores) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (para participantes menores de 18 anos).

Os participantes e seus responsáveis foram devidamente informados sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa, tendo suas dúvidas esclarecidas previamente. Entre os possíveis riscos, destacou-se o desconforto ao tratar de determinadas questões ou ao compartilhar experiências pessoais; entre os benefícios, ressaltou-se a contribuição para a produção de conhecimento e a possibilidade de subsidiar reflexões e ações futuras, não havendo benefícios diretos aos participantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No grupo focal, os participantes refletiram sobre suas percepções enquanto jovens, sobre os sentidos atribuídos à juventude, sobre os estigmas socialmente associados a essa condição e acerca da efetivação — ou não — dos direitos das juventudes previstos no Estatuto da Juventude (Brasil, 2013) no contexto local.

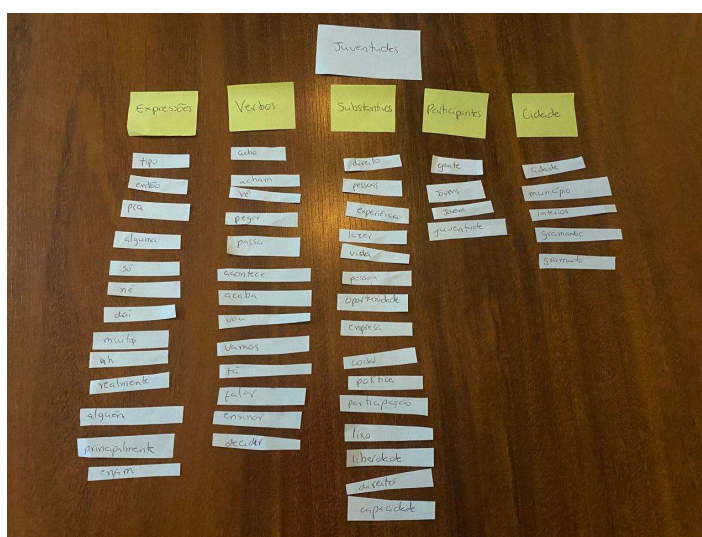
Para subsidiar a análise das falas, as gravações foram inicialmente transcritas com o auxílio da plataforma TurboScribe. Em seguida, a transcrição foi submetida ao software Voyant Tools, por meio do qual foi elaborada uma nuvem de palavras referente ao primeiro momento do grupo focal. A partir dessa nuvem, procedeu-se à organização manual das palavras — com apoio de papel e caneta — em subcategorias analíticas, etapa que permitiu a posterior construção dos eixos de análise.

A nuvem de palavras foi composta por 50 termos, posteriormente agrupados em cinco subcategorias, as quais possibilitaram uma leitura mais sistematizada e abrangente dos conteúdos mobilizados nas falas dos participantes, além de favorecer a estruturação dos eixos analíticos apresentados adiante (Figura 1).

Figura 1 – Nuvem de palavras do grupo focal.

Fonte: banco de dados da pesquisa (2025). Organização: autores (2025).

As cinco subcategorias foram definidas de modo a abarcar o conjunto das palavras mais recorrentes, evitando sobreposição e dispersão analítica. A subcategoria “expressões” foi criada com o objetivo de identificar vícios de linguagem e conectivos recorrentes nas falas; “verbos”, para reunir ações atribuídas tanto aos próprios jovens quanto à sociedade em geral; “substantivos”, para agrupar os principais temas mobilizados; “participantes”, para destacar referências aos próprios jovens e às juventudes; e “cidade”, para contemplar termos relacionados ao município de Gramado dos Loureiros e ao seu contexto enquanto cidade de pequeno porte. Na Figura 2, apresenta-se a organização das palavras em cada subcategoria, dispostas conforme a frequência de ocorrência.

Figura 2 – Divisão manual das palavras em subcategorias.

Fonte: banco de dados da pesquisa (2025). Organização: autores (2025).

Na subcategoria expressões, destacou-se o uso recorrente do termo “tipo”, um vício de linguagem comum entre jovens, frequentemente associado a pausas reflexivas no discurso, figurando como a terceira palavra mais recorrente. Outras expressões, como “né” — utilizada para solicitar concordância — e “daí”, associada à sequência de acontecimentos narrados, também se fizeram presentes, assim como termos isolados da construção frasal, a exemplo de “então”, “realmente” e “principalmente”. Ao todo, essa subcategoria reuniu 13 palavras.

Na subcategoria verbos, observou-se a predominância do verbo “acho”, a segunda palavra mais recorrente no primeiro momento do grupo focal, utilizado para expressar opiniões e reflexões em primeira pessoa do singular. Em seguida, destacou-se o verbo “acham”, conjugado na terceira pessoa do plural, empregado tanto para se referir às juventudes quanto a outros sujeitos sociais. Outros verbos relevantes identificados foram “acontece”, “falar”, “ensinar” e “decidir”, totalizando também 13 termos.

A subcategoria substantivos evidenciou o termo “direito” como o mais frequente, figurando como a sétima palavra mais mencionada. Tal recorrência relaciona-se diretamente ao momento em que os participantes foram estimulados a refletir sobre os direitos assegurados pelo Estatuto da Juventude (Brasil, 2013), processo mediado pela moderadora. Outros substantivos recorrentes foram “pessoa/pessoas”, referindo-se à sociedade em geral; “lazer”, indicando a escassez desse direito no município; além de “vida”, “oportunidade”, “participação”, “política”, “liberdade” e “capacidade”, termos fortemente associados à discussão sobre direitos não plenamente garantidos. Essa subcategoria reuniu 15 palavras.

Na subcategoria participantes, buscou-se destacar as referências feitas pelos jovens a si próprios. A palavra mais recorrente em todo o corpus foi “gente”, utilizada 51 vezes no primeiro momento, geralmente na expressão “a gente”, forma amplamente empregada em contextos urbanos do interior do Rio Grande do Sul como substituta do pronome “nós”. Também se destacaram os termos “jovem”, “jovens” e “juventude”, totalizando quatro palavras.

Por fim, a subcategoria cidade reuniu cinco termos relacionados ao município de Gramado dos Loureiros, referido pelos participantes como “Gramado” ou “Gramados”, frequentemente caracterizado como cidade do “interior”, evidenciando a centralidade do contexto local nas falas.

A partir da interpretação da nuvem de palavras e de sua organização em subcategorias, foi possível identificar três eixos centrais de discussão. O primeiro, denominado “Ser jovem”, refere-se às falas sobre sentimentos, estigmas, pressões sociais, decisões e escolhas associadas à condição juvenil. O segundo eixo, “Juventudes e sociedade”, abrange as reflexões sobre as

relações estabelecidas com a família, a escola, o trabalho e a política. Por fim, o eixo “Juventudes e direitos” concentra as discussões sobre a garantia — ou ausência — dos direitos das juventudes, mobilizadas a partir das provocações realizadas pela mediação do grupo focal.

3.1 Ser jovem

Quando instigados a refletir sobre “o que é ser jovem”, os participantes mobilizaram compreensões que situam a juventude como uma fase de transição, marcada por processos de formação subjetiva, tomada de decisões e projeção do futuro, em consonância com a perspectiva que entende a juventude como um período de passagem para a vida adulta (Pimenta, 2006). As falas evidenciam a centralidade de elementos como amadurecimento, constituição de ideias, escolhas profissionais e definição de trajetórias de vida.

É onde você está formando o seu futuro. Formando aquilo que você quer ser. Formando as suas ideias. Amadurecendo. (Amarelo, mulher, 17 anos)

Eu acho que é adquirir experiências também, né. O momento em que a gente está moldando o nosso ser, como a gente vai querer ser ou o que a gente vai decidir para a vida. (Vermelho, mulher, 16 anos)

Também é um momento que acontece bastante a questão da decisão. Principalmente a gente que está no ensino médio. É uma hora que a gente decide realmente o que a gente vai fazer. Vamos supor, se a gente vai fazer uma faculdade, se a gente vai trabalhar em alguma área, enfim, então, acho que desde que a gente começa a ser jovem, a gente tem essa questão de decidir o que a gente vai fazer da nossa vida. Então, é uma questão bem difícil, às vezes. (Rosa, mulher, 17 anos)

Eu acho que ser jovem é muito desafiador, porque é a fase onde você vai escolher o que você vai ser quando for adulto. Onde você vai tomar, talvez, as decisões mais importantes do seu futuro. Então, acho que é bem desafiador. (Roxo, mulher 17 anos)

É aquele choque de realidade, sabe, a gente acha que o mundo é tudo de bom, tudo maravilhoso e a gente se depara com tantas escolhas. Eu vejo por mim, que tenho 17 anos, eu tenho que decidir esse ano o que eu quero fazer, que faculdade eu quero fazer, aonde eu quero morar, tudo. Esse ano é tipo, um ano de decisões. E a gente é muito pressionado a isso também, pela sociedade. (Amarelo, mulher, 17 anos).

As falas revelam que o “ser jovem” é percebido como um período atravessado por fortes pressões sociais, sobretudo no que diz respeito às escolhas educacionais e profissionais, concentradas precocemente em um curto intervalo de tempo. A juventude emerge, assim, não apenas como etapa de possibilidades, mas também como um momento de tensões, incertezas

e exigências, frequentemente associadas à necessidade de corresponder a expectativas externas.

No decorrer da conversa, tornou-se evidente a importância do espaço de escuta proporcionado pelo grupo focal. Os participantes expressaram, de forma direta, a sensação recorrente de não terem suas vozes legitimadas nos espaços sociais em que circulam, percepção que atravessa suas experiências enquanto jovens.

Geralmente, nós não temos voz, né, porque tipo, acham que a gente ainda não tem um pensamento moldado, então, o que a gente vai fazer não é significante. (Vermelho, mulher, 16 anos)

Essa percepção reforça análises que apontam para a deslegitimação social das juventudes, frequentemente associadas à imaturidade ou à incompletude, o que limita sua participação efetiva nos processos decisórios que afetam suas próprias vidas. Ao mesmo tempo, evidencia-se a relevância de metodologias que privilegiem o diálogo e a escuta, criando condições para que os jovens expressem suas interpretações sobre si mesmos e sobre o mundo social.

Quando solicitados a definir “jovem” em uma única palavra, os participantes mobilizaram os termos “experiência”, “inovação”, “determinação”, “evolução” e “transformação”. Tais escolhas indicam uma autoimagem positiva e propositiva, na qual os jovens se reconhecem como sujeitos capazes de produzir mudanças, criar experiências e contribuir para a transformação da sociedade. Essa compreensão dialoga com leituras que concebem as juventudes como agentes sociais ativos, portadores de potencial criativo e transformador (ROLLSING, 2023).

3.2 Juventudes e sociedade

Ao serem questionados sobre “o que acreditam que a sociedade pensa sobre os jovens”, os participantes expressaram, de forma unânime, a percepção de desaprovação social, associada a um sentimento já naturalizado de repressão por parte de uma sociedade marcadamente adultocêntrica. Trata-se de uma lógica que posiciona os adultos como referência central de legitimidade social, desqualificando as juventudes e subordinando suas experiências, perspectivas e capacidades. Essa compreensão dialoga com Pimenta (2022), ao apontar que a sociedade adulta tende a deslegitimar e desprestigiar os jovens, limitando sua participação e reconhecimento social.

Entre as falas, destaca-se a contribuição de uma participante residente na zona rural que, ao refletir sobre o olhar social dirigido às juventudes — especialmente àquelas que não estão inseridas formalmente no mercado de trabalho — mobiliza uma expressão recorrente em cidades do interior e carregada de forte conotação pejorativa. O termo “varzear”, ou “ficar varzeando”, refere-se ao ócio improdutivo e opera como mecanismo simbólico de reprovação moral (GAMALHO, 2023).

Um monte de gente que não quer nada por nada, só fica “varzeando” e não se dedica muito, não tem experiência, fica só “varzeando”.
(Vermelho, mulher, 16 anos)

A fala evidencia como determinadas representações sociais associam a juventude à improdutividade, à falta de comprometimento e à ausência de esforço, especialmente quando os jovens não correspondem aos padrões normativos de trabalho e ocupação social. Tal percepção contribui para a construção de estigmas que atravessam as experiências juvenis, reforçando processos de desqualificação simbólica.

Outros participantes destacaram a presença, no senso comum, da ideia de que os jovens seriam incapazes de realizar determinadas atividades em razão de sua suposta falta de experiência. Embora determinadas funções demandem, de fato, conhecimentos específicos, as falas tensionam a contradição existente entre a exigência de experiência prévia e a ausência de oportunidades concretas para adquiri-la.

Eles pensam que, muitas vezes, a gente não tem capacidade para fazer certas coisas, para alcançar certas coisas, sendo que a gente tem bem mais capacidade do que eles possam imaginar. (Azul, mulher, 18 anos)

Essa percepção se intensifica no contexto do ingresso no mercado de trabalho, espaço em que os jovens relatam ter suas opiniões sistematicamente desconsideradas, especialmente quando interagem com pessoas mais velhas. A juventude é, nesses casos, associada à imaturidade, à instabilidade e à ausência de legitimidade, o que dificulta o reconhecimento de ideias inovadoras e alternativas.

E também é uma questão que, muitas vezes, quando a gente vai ingressar, principalmente no mercado de trabalho, a nossa opinião, muitas vezes, não é ouvida, pelo fato da gente ser jovens. Tipo, vamos supor que a gente vá trabalhar com pessoas mais velhas do que nós, muitas pessoas têm aquela ideia fechada, aquela ideia de que só o que elas sabem é correto e quando a gente, que é mais novo, vem com ideias diferentes, não é muito bem aceito, pelo fato que acham que a gente é imaturo, que a gente não tem muita experiência de vida, que hoje a gente fala uma coisa, amanhã a

gente fala outra coisa. Então, acontece que as pessoas não levam a gente muito a sério mesmo. (Rosa, mulher, 17 anos)

Essa vivência encontra respaldo na literatura que analisa a inserção juvenil no mundo do trabalho. Greque Junior e Franz (2024), ao parafrasearem Dayrell (2007), afirmam que:

Os jovens são vistos pelo mercado de trabalho como os sujeitos mais inexperientes e possivelmente os menos qualificados, e os que estão em busca de suas primeiras oportunidades provam do amargo sabor da rejeição e acabam aceitando os piores empregos com os menores rendimentos. (p. 135)

As falas analisadas reforçam que as juventudes se percebem recriminadas, estigmatizadas e subalternizadas pelo conjunto da sociedade (ROLLSING, 2023). Ainda que existam diferenças significativas entre juventudes de cidades pequenas e de grandes centros urbanos, persistem barreiras comuns, enraizadas em representações sociais negativas e em um senso comum que tende a desconsiderar a diversidade, a potência e a legitimidade das experiências juvenis.

3.3 Juventudes e direitos

Ao refletirem sobre os direitos assegurados às juventudes, os participantes reconheceram a garantia parcial de alguns considerados básicos, como saúde, educação e cultura. No entanto, problematizaram de forma recorrente a fragilidade ou ausência de efetivação de outros direitos, especialmente aqueles que dependem de ações articuladas entre sociedade e poder público, evidenciando contradições entre o que é previsto legalmente e o que é vivenciado no cotidiano.

No que se refere ao Direito à cidadania, à participação social e política e à representação juvenil, os jovens foram enfáticos ao apontar a falta de garantia, utilizando como exemplo as dinâmicas observadas nas eleições municipais e na ocupação de cargos políticos. As falas revelam que a juventude é frequentemente desqualificada sob o argumento da falta de experiência, o que reforça a exclusão de jovens dos espaços formais de poder.

Eu acho que essa parte da representação juvenil, que nem se a gente vê, por exemplo, um deputado, alguém que é mais novo, a gente vê que eles criticam. “Ah, tu não tem experiência de vida, tu é muito jovem, tu não sabe de nada”. (Roxo, mulher, 17 anos)

E até na questão aqui, social e política, a gente pode sinalizar até aqui nos Gramados mesmo, tipo, até na questão política, principalmente. Aqui no

Gramado, quando tem eleição, coisas relacionadas à política, a gente mais vê pessoas mais velhas assumindo o cargo do que pessoas mais novas, porque o pessoal tem esse certo preconceito. Quando o negócio foi falado, quando vê alguém mais novo pensa “ah, mas essa pessoa não tem capacidade? ”, “ah, não viveu nada ainda, não sabe nada da vida”, “o que vai saber estando lá no poder?” enfim. Então, o que a gente vê, é as mesmas pessoas sempre, ocupando os mesmos cargos. Quando vem uma pessoa nova com ideias diferentes, o pessoal nem dá voz para a pessoa, nem dá a opção da pessoa explicar o que ela quer propor, só diz que não, e é isso. (Rosa, mulher, 17 anos).

Após a discussão sobre os direitos previstos no Estatuto da Juventude, o tema da participação política e social voltou a emergir, reforçando a percepção de ausência de representatividade juvenil. Alguns participantes citaram experiências de outros municípios, como Carazinho (RS), que possuem iniciativas como programas de vereadores mirins, apontando essas ações como estratégias possíveis para ampliar a participação dos jovens.

Eu acho que tem que ter participação dos jovens, tanto pra os jovens até adquirirem experiência. Porque, claro, a gente não vai ter a mesma experiência de uma pessoa que é mais velha, mas se a gente não tiver essa participação, a gente nunca vai ter a experiência necessária pra poder ocorrer isso. (Vermelho, mulher, 16 anos)

E eu tenho certeza que essas pautas, por exemplo, que a gente acabou de citar, a questão do lazer e tudo mais, muitas vezes quem está no poder, enfim, às vezes não liga pra isso, porque eles não são jovens. Eles querem outras coisas, eles têm outras experiências, eles não têm a mesma idade que nós, então eles talvez não se preocupem com isso. Ou a maioria nem tem filhos mais adolescentes, jovens. Então eu acho que se tivesse alguém representando os jovens lá pra citar essas pautas e tentar fazer acontecer, acho que moveria alguma coisa. (Amarelo, mulher, 17 anos)

Em grandes centros urbanos, a participação política juvenil costuma ser mediada por movimentos sociais, estudantis e coletivos organizados em torno de diferentes recortes, como classe social, raça e gênero. No entanto, tais espaços são raros em cidades pequenas, o que limita ainda mais o acesso das juventudes aos mecanismos formais e informais de participação política. Oliveira e Leão (2023), ao investigarem a participação juvenil na política, afirmam:

Partimos das noções de democracia representativa, articulando a participação social a conhecimentos sobre a sociologia das juventudes e dos movimentos sociais, com debates sobre as lutas por reconhecimento, os conflitos e as demandas por participação política e por inclusão de identidades coletivas nos espaços de poder. (p. 90)

No que se refere ao Direito à profissionalização, ao trabalho e à renda, os jovens destacaram a escassez de oportunidades de emprego no município, além da recorrência de

estigmas enfrentados no ingresso ao mercado de trabalho. Uma participante relatou sua experiência como jovem aprendiz, marcada por situações de desrespeito e desvalorização de sua condição juvenil.

Eu já trabalhei como jovem aprendiz e quando tu entra lá, tu vai achar que as pessoas vão te ensinar, porque é a primeira experiência, eles vão te ensinar, e acaba que tu vai lá e não é bem assim. Tem essa discriminação “ah, é jovem, então nem vou ensinar isso aqui, porque não adianta”, “vai ali e passa um paninho, faz alguma coisa que é da tua capacidade”. Na minha experiência que eu tive, eu fui mais mandada para fazer tarefas tipo assim, inúteis que não iam me agregar em nada. E eu vi essa falta de respeito, uma falta de tá ali de igual para igual, por mais que eu fosse jovem, mas eu sou um ser humano, eu quero aprender, eu sou jovem e quero aprender. (Roxo, mulher, 17 anos)

Em relação ao Direito à diversidade e à igualdade e ao Direito à liberdade de expressão, os participantes afirmaram, em um primeiro momento, que esses direitos estão assegurados. Contudo, ao longo do grupo focal, outras falas evidenciaram a persistência de desigualdades e a recorrente ausência de escuta das vozes juvenis, o que permite considerar tais direitos como parcialmente ou insuficientemente garantidos.

O Direito ao desporto e ao lazer foi um dos mais problematizados. Os jovens destacaram a ausência de espaços públicos de lazer no município, bem como a recorrência de promessas não cumpridas durante períodos eleitorais.

Aqui, como o município é pequeno, a gente não tem tanto isso. Às vezes, acho que sempre, em toda política que tem aqui, é trazido né, que vão fazer coisas para os jovens, mas nunca é feito. Isso não é de hoje, nem de ontem, é desde que o município foi emancipado. Tipo, não tem nenhuma praça, nenhuma praça para a gente ir, não tem nada. Tipo, tem um barzinho ali, mas para se divertir, a gente tem que ir em outra cidade. (Amarelo, mulher, 17 anos)

É que as coisas que tem aqui no Gramado, tipo, se tem alguma coisa, é mais comércio, que daí é a empresa própria da pessoa, mas realmente, algo de lazer público, alguma coisa assim, não tem, hoje. (Rosa, mulher, 17 anos)

E se tem, é mais voltado para outras idades, mais novo ou mais velho. (Vermelho, mulher, 16 anos)

A ausência de políticas públicas de esporte e lazer assume especial gravidade quando se considera sua importância para o desenvolvimento integral das juventudes. Conforme aponta Oliveira (2024d):

O esporte e o lazer desempenham papéis decisivos na vida das juventudes brasileiras contemporâneas, proporcionando benefícios físicos e contribuindo significativamente para o desenvolvimento social e emocional dos jovens. Além de promover a saúde e o bem-estar, a prática esportiva oferece oportunidades para a construção de identidade, socialização e integração em comunidades. O lazer, por sua vez, representa um espaço essencial para a expressão criativa, relaxamento e interação social fora do âmbito acadêmico ou profissional. (p.202)

Os participantes também abordaram a necessidade frequente de migrar para outros municípios em busca de lazer e outros direitos, evidenciando a precariedade da mobilidade intermunicipal. A ausência de transporte público regular reforça práticas comuns em cidades pequenas, como a valorização da obtenção precoce da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), muitas vezes tratada como condição para o exercício da juventude.

Entretanto, essa estratégia não é acessível a todos, como destacado por uma participante ao problematizar as desigualdades de condição financeira entre os jovens do município.

Aqui em Gramados, tem bastante jovens, mas nem todos têm a mesma condição. Então, por exemplo, as vezes eu tenho condição de, sei lá, ter um carro e conseguir ir pra outra cidade pra ter esse lazer e tem jovens aqui, que talvez não tenham essa acessibilidade. Tipo, sair daqui pra se divertir. Então, às vezes, passa a sua juventude aqui e acaba que não faz nada. Daí na primeira oportunidade, quer sair de vez de Gramados. (Amarelo, mulher, 17 anos)

Os adolescentes que moram mais no interior, que as vezes os pais não têm condição ou não deixam pegar o carro, porque, às vezes, como é no interior, eu sei que tem gente que mora bem distante, tipo, não tem vizinho, não tem ninguém, tipo, não tem um outro adolescente pra conversar, então, na primeira oportunidade, quando terminar o Ensino Médio, eles já vão procurar outra cidade. É muito pouco adolescente que hoje tu pergunta “você quer ficar em Gramados?” que queira, muitos falam que não. Eles querem tentar outra vida. (Branco, mulher, 17 anos)

Quanto ao Direito ao território e à mobilidade e ao Direito à sustentabilidade e ao meio ambiente, os jovens consideraram que há garantias mínimas, porém insuficientes. O transporte público disponível atende prioritariamente às rotas escolares da zona rural, não contemplando a mobilidade necessária para o acesso a outros direitos. Assim, o direito ao território revela-se diretamente condicionado ao direito à mobilidade, que não se efetiva de forma satisfatória. Conforme destaca Oliveira (2024b):

Contemplar a mobilidade juvenil, e, por extensão, a mobilidade de toda a população, implica, igualmente, abordar a qualidade de vida e o direito de habitar e usufruir do território. (p.251)

No que diz respeito à sustentabilidade, o município dispõe de coleta seletiva organizada, mas os participantes apontaram sua baixa frequência, sobretudo nas áreas rurais. De modo geral, conforme indicam Oliveira (2024b; 2024c; 2024d), os direitos das juventudes não se efetivam de forma isolada, uma vez que a garantia de um direito depende, frequentemente, da concretização de outros. As análises evidenciam obstáculos comuns enfrentados por jovens urbanos e rurais, especialmente no acesso ao território, à mobilidade, à comunicação, à liberdade de expressão, ao esporte e ao lazer. Ainda assim, as leituras organizadas no contexto da IV Conferência Nacional de Juventude demonstram que existem propostas viáveis para a superação dessas barreiras, indicando que a efetivação dos direitos juvenis depende, sobretudo, de vontade política e iniciativa do poder público.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo compreender as vivências juvenis em uma cidade pequena, a partir das percepções e narrativas de jovens residentes no município de Gramado dos Loureiros, no norte do Rio Grande do Sul. Ao privilegiar a escuta direta das juventudes, por meio de uma abordagem qualitativa e do uso do grupo focal como ferramenta metodológica, buscou-se deslocar leituras homogeneizantes e adultocêntricas, ainda recorrentes nos estudos sobre juventude, especialmente quando se trata de contextos pouco visibilizados pela produção acadêmica.

Os resultados evidenciam que o “ser jovem”, conforme expresso pelos participantes, é compreendido como um período fortemente marcado por decisões, escolhas e pressões relacionadas à construção do futuro. A juventude aparece, nas falas, como um tempo de amadurecimento acelerado, atravessado por expectativas sociais que atribuem aos jovens a responsabilidade por definir precocemente trajetórias educacionais, profissionais e territoriais. Tal compreensão dialoga com a literatura que interpreta a juventude como uma etapa de transição, mas também revela as tensões e sobrecargas que recaem sobre esses sujeitos, sobretudo em contextos de escassez de oportunidades.

No eixo que articula juventudes e sociedade, emergem com força os estigmas atribuídos aos jovens e a recorrente deslegitimação de suas vozes. As falas revelam uma experiência cotidiana marcada pelo adultocentrismo, que se expressa na família, na escola, no mercado de trabalho e na política institucional. Os jovens relatam não serem levados a sério, terem suas opiniões desconsideradas e serem frequentemente associados à imaturidade, à irresponsabilidade e à falta de compromisso. Esses achados reforçam a compreensão de que

as juventudes seguem ocupando posições subalternizadas na hierarquia social, independentemente das especificidades territoriais, ainda que estas intensifiquem determinadas barreiras.

A análise do eixo “Juventudes e direitos” evidencia que, embora alguns direitos sejam reconhecidos como formalmente garantidos — como saúde e educação —, a efetivação do Estatuto da Juventude ocorre de forma parcial e desigual. Direitos como participação política, trabalho digno, lazer, mobilidade e acesso ao território aparecem como fragilizados ou inexistentes no cotidiano dos jovens entrevistados. A ausência de espaços públicos de lazer, a falta de políticas de participação juvenil e as limitações de transporte intermunicipal produzem um cenário em que a migração, temporária ou definitiva, torna-se estratégia recorrente para acessar direitos básicos. Desse modo, os resultados indicam que os direitos juvenis são interdependentes e que a não garantia de um compromete diretamente a realização dos demais.

O território emerge como elemento central na compreensão dessas vivências. A cidade pequena aparece, simultaneamente, como espaço de pertencimento e de restrição. Se, por um lado, o município oferece vínculos comunitários e proximidade social, por outro, impõe limites significativos ao acesso a oportunidades, políticas públicas e espaços de participação. A pesquisa problematiza, assim, a ideia de que cidades pequenas seriam, por si só, espaços protetivos ou privilegiados para as juventudes, evidenciando contradições que atravessam esses contextos e impactam diretamente os projetos de vida juvenis.

Como contribuições, o estudo reforça a necessidade de compreender as juventudes como plurais, situadas e atravessadas por relações de poder, destacando a importância do território na análise das desigualdades juvenis. Do ponto de vista metodológico, evidencia o potencial do grupo focal como instrumento de escuta e produção de sentidos, especialmente em contextos nos quais as juventudes têm poucas oportunidades de expressão pública. Empiricamente, o artigo contribui ao dar visibilidade às experiências de jovens de um município raramente contemplado por pesquisas acadêmicas, ampliando o repertório de estudos sobre juventudes em cidades pequenas.

Reconhece-se, entretanto, que o estudo apresenta limitações, relacionadas ao recorte espacial e ao número de participantes, o que impede generalizações. Tais limites, longe de fragilizar a pesquisa, apontam para possibilidades futuras, como a ampliação do estudo para outros municípios, a inclusão de jovens não escolarizados, a realização de pesquisas comparativas ou longitudinais e o diálogo com gestores públicos e formuladores de políticas juvenis.

Por fim, os achados indicam a urgência de políticas públicas que reconheçam as juventudes como sujeitos de direitos e de ação política, especialmente em cidades pequenas. A criação de espaços de participação juvenil, o investimento em lazer, cultura e mobilidade, bem como políticas de inserção digna no mundo do trabalho, mostram-se fundamentais para a permanência e o bem-estar dos jovens em seus territórios. Ouvir as juventudes, como demonstrado neste estudo, não é apenas um exercício acadêmico, mas um passo essencial para a construção de cidades mais justas, democráticas e socialmente inclusivas, nas quais os jovens não apenas habitem, mas possam, efetivamente, viver e projetar seus futuros.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, RJ, 1997, n. 05-06, p. 25-36. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a04.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2025.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASSALO, L. M. B. Jovens mulheres e feminismo. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). Temáticas Emergentes em Juventudes. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2024. p. 128-151. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/tematicas-emergentes-em-juventudes-3429125>. Acesso em: 02 jan. 2025.

BASSO, C; HEIDRICH, Á. L. A cidade e as juventudes: reflexões sobre a experiência urbana na periferia para jovens catadores. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PIMENTA, Melissa de Mattos (Orgs.) Juventudes e Territórios. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 39-53. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em 02 jan. 2025.

BASSO, C; HUNDERTMARCK, K; TOLEDO, J. S. Juventudes, educação e trabalho: inquietações de/para/com as nossas pesquisas. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel Oliveira; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de (orgs.). Juventudes e Educação: a escola como território juvenil. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2024. p. 74-90. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-educacao-a-escola-como-territorio-juvenil-3414195>. Acesso em: 02 jan. 2025.

BELCHIOR, I. S; ANJOS, R. V. Juventudes: dilemas e contradições no mundo do trabalho. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel Oliveira; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de (orgs.). Juventudes e Educação: a escola como território juvenil. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS,

2024. p. 178-201. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-educacao-a-escola-como-territorio-juvenil-3414195>. Acesso em: 02 jan. 2025.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 03 jan. 2025.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 13 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 03 jan. 2025.

BRASIL. Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF: Presidência da República, 5 ago. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 02 jan. 2025.

BUSANELLO, eral do Paraná. Curitiba, PR, 2013, v. 18, n. 2, p.358-364. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483649271022.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2025.

CARRERA, A. D. M *et al.* Juventude(s) e feminismo(s): o que dizem as pesquisas em educação. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel Oliveira; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de (orgs.). Juventudes e Educação: a escola como território juvenil. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2024. p. 35-57. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-educacao-a-escola-como-territorio-juvenil-3414195>. Acesso em: 02 jan. 2025.

CORROCHANO, M. C. Condição juvenil, trabalho e ações coletivas: notas a partir do contexto pandêmico. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Debates sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 48-70. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 02 jan. 2025.

CASSAB, C. Da casa para rua: a dimensão da juventude. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). A Cidade e Seus Jovens. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015, p.137-158.

CORRÊA, A. M. C; OLIVEIRA, G. S; OLIVEIRA, A. C. O grupo focal na pesquisa qualitativa: princípios e fundamentos. Revista Prisma. Rio de Janeiro, RJ, 2021, v. 2, n. 1, p. 34-47. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/41/32>. Acesso em: 05 jan. 2025.

DAYRELL, J. T. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas, SP, 2007, v. 28, n. 100, p. 1105-1128. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 jan. 2025.

FERNANDES, D. Gênero e juventudes. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PIMENTA, Melissa de Mattos (Orgs.) Juventudes e Territórios. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 55-65. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em 02 jan. 2025.

FERREIRA, V. S. Imagens e políticas de juventude na viragem neoliberal. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Debates sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 214-236. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 02 jan. 2025.

GAMALHO, N. P. Juventudes e as periferias. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). Geografias das Juventudes. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação, GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 39-59. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/geografias-das-juventudes-1978655>. Acesso em: 03 jan. 2025.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas, 4ª edição. São Paulo-SP, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 02 fev. 2025.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, 1995, v. 35, n.3, p, 20-29. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 fe. 2025.

GRAMADO DOS LOUREIROS, Prefeitura de. História. Gramado dos Loureiros, RS, 2025. Disponível em: <https://www.gramadodosloureiros.rs.gov.br/pg.php?area=HISTORIA>. Acesso em 08 jun. 2025.

GREQUE JUNIOR, L. S; FRANZ, J. C. Juventudes, mercado de trabalho e o mito do empreendedorismo: uma revisão sobre o papel do Estado e as políticas públicas para as juventudes. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel Oliveira; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de (orgs.). Juventudes e Educação: a escola como território juvenil. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2024. p. 123-139. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-educacao-a-escola-como-territorio-juvenil-3414195>. Acesso em: 02 jan. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário, 2017. Resultados definitivos. Brasília, DF, 2019. Disponível em: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/index.html. Acesso em: 12 jun. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico Brasileiro de 2022. IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/gramado-dos-loureiros.html>. Acesso em: 03 fev. 2025.

LACERDA, Miriam Pires Corrêa. A diabolização das juventudes. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Dialogando sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2022. p. 72-99. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/dialogando-sobre-juventudes-544395>. Acesso em: 02 jan. 2025.

MARGULIS, M; URRESTI, M. La construcción social de la condición de juventud. In: MARGULIS Mario *et al.* Vivendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Departamento de investigaciones/Universidad Central, 1998. p. 3-21. Disponível em: https://donbosco.org.ar/uploads/recursos/recursos_archivos_1082_1112.pdf. Acesso em 03 jan. 2025.

MARIRO, B. Gênero, diversidade e a escola. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel Oliveira; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de (orgs.). Juventudes e Educação: a escola como território juvenil. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2024. p. 58-73. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-educacao-a-escola-como-territorio-juvenil-3414195>. Acesso em: 02 jan. 2025.

MENDES, V; COSTA, C. L. Territórios juvenis e a ressignificação do espaço urbano: um estudo a partir do movimento batalha do setor em Catalão (GO). In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PIMENTA, Melissa de Mattos (Orgs.) Juventudes e Territórios. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 183-211. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em 02 jan. 2025.

NOVAES, R; RIBEIRO, E; MACEDO, S. Políticas públicas de juventudes? Anotações sobre processos, aprendizados e desafios. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Debates sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 17-47. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 02 jan. 2025.

OLIVEIRA, A. D. Juventudes rurais: desafios contemporâneos. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Dialogando sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2022. p. 100-127. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/dialogando-sobre-juventudes-544395>. Acesso em: 02 jan. 2025.

OLIVEIRA, S. E; LEÃO, G. Juventudes e dilemas da representatividade política. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Debates sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 90-110. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 08 jun. 2025.

OLIVEIRA, V. H. N. Desafios para a pesquisa no campo das ciências humanas em tempos de pandemia da covid-19. Boletim da Conjuntura (BOCA). Boa Vista, RR, 2021, v. 5. n. 14, p. 93-101. Disponível em: <https://zenodo.org/records/4513773>. Acesso em 03 jan. 2025.

OLIVEIRA, V. H. N. Do direito ao território e à mobilidade: análise das propostas enviadas à IV Conferência Nacional de Juventude. Editora da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, 2024b, v. 16, n. 1, p. 239-264. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/70880/751375158452>. Acesso em: 03 jan. 2025.

OLIVEIRA, V. H. N. Estratégias de Comunicação na Escola – Estudantes em Meio à Pandemia da Covid-19. Revista FSA: periódico do Centro Universitário Santo Agostinho. Teresina, PI, 2020, v. 12, n. 12, p. 200-214. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/2197/491492583>. Acesso em: 03 jan. 2025.

OLIVEIRA, V. H. N. Explorando propuestas para la IV Conferencia Nacional de la Juventud: el derecho a la comunicación y libertad de expresión. Última Década: proyecto juventudes. Porto Alegre, RS, 2024c, v. 32, n. 62, p. 10–36. Disponível em: <https://ultimadecada.uchile.cl/index.php/UD/article/view/74922/76342>. Acesso em: 03 jan. 2025.

OLIVEIRA, V. H. N. (org). Geografias das Juventudes. Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPUVE/UFRGS. Porto Alegre, RS, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>. Acesso em: 08 jun. 2025.

OLIVEIRA, V. H. N. Geografias das Juventudes: mapeando espacialidades juvenis. Revista da Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, RJ, 2024a, v.16, e00090, ISSN: 1983-3644, p. 1-9. Disponível em: <https://geopuc.emnuvens.com.br/revista/article/view/90>. Acesso em: 08 jun. 2025.

OLIVEIRA, V. H. N; LACERDA, M. P. C; NOVAES, R. C. R. Juventudes, educação, política e violência: uma entrevista com Regina Novaes. Educar em Revista. Curitiba, PR, 2021, v. 37. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40602021000100502&script=sci_arttex. Acesso em: 03 jan. 2025.

OLIVEIRA, V. H. N; PIMENTA, M. M. “Falem bem, falem mal, falem de nós”: o que vem se falando sobre as juventudes do estado do Rio Grande do Sul (Brasil) na Pós-Graduação (2000-2020)? In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel et al. (Orgs). Juventudes Ibero-Americanas: dilemas contemporâneos. Santa Maria, RS, 2022, p. 24-41. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstreams/85c63432-6fdc-442e-9b6e-ab298c892393/download>. Acesso em: 08 jun. 2025.

OLIVEIRA, V. H. N. Proposta para a IV Conferência Nacional de Juventude: direito ao desporto e lazer. Revista FSA: periódico do Centro Universitário Santo Agostinho. Teresina, PI, 2024d, v. 21, n. 4, art. 10, p. 200-223. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/2903/491494306>. Acesso em 03 jan. 2025.

OLIVEIRA, V. H. N; SANTOS, A. M. Análise das percepções de jovens da cidade de porto alegre sobre a pandemia da covid-19. Boletim da Conjuntura (BOCA). Boa Vista, RR, 2021, v. 6, n. 16, p. 28-37. Disponível em: <https://zenodo.org/records/4643061>. Acesso em 03 jan. 2025.

PERONDI, M. Juventudes, participação social e construção da cidadania. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Debates sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 190-213. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 02 jan. 2025.

PIMENTA, M. M. Juventudes e violências. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Dialogando sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2022. p. 183-212. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/dialogando-sobre-juventudes-544395>. Acesso em: 02 jan. 2025.

PIMENTA, M. M. Ser jovem e ser adulto: identidades, representações e trajetórias. Orientadora: Prof. Dra. Maria Helena Oliva Augusto. 2006. Tese de Doutorado (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-15052007-111215/pt-br.php>. Acesso em: 08 jun. 2025.

RESSEL, L. B *et al.* O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. Texto Contexto Enferm. Florianópolis, SC, 2008, v. 17, n. 4, p. 779-786. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/nzznnfzrCVv9FGXhwnGPQ7S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2025.

RIO GRANDE DO SUL (estado). Lei Nº 9.541, de 20 de março de 1992. Cria o município de Gramado dos Loureiros. Porto Alegre, 20 mar. 1992. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-9541-1992-rio-grande-do-sul-cria-o-municipio-de-gramado-dos-loureiros>. Acesso em: 08 jun. 2025.

ROLLSING, C. B. Cultura juvenil, território e trabalho: olhares sobre a noite no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; PIMENTA, Melissa de Mattos (Orgs.) Juventudes e Territórios. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 27-37. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em 02 jan. 2025.

SANTOS, G. B. B *et al.* Culturas juvenis: um estudo sobre as vivências dos estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS. Revista FSA: periódico do Centro Universitário Santo Agostinho. Teresina, PI, 2019, v. 6, n. 2, art. 11, p. 199-218. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/275877>. Acesso em: 03 jan. 2025.

SCHERER, G. A; ECHER, M. C. Juvenicídio e direitos humanos: expressão trágica de uma trajetória de violação de direitos para as juventudes. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Debates sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 111-137. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 02 jan. 2025.

SEVERO, R. G. Brasil 2022: política, ideologia e juventude. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). Geografias das Juventudes. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação, GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 109-118. Disponível em:

<https://publicacoes.even3.com.br/book/geografias-das-juventudes-1978655>. Acesso em: 03 jan. 2025.

SEVERO, R. G. Juventudes e política. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Dialogando sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2022. p. 44-71. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/dialogando-sobre-juventudes-544395>. Acesso em: 02 jan. 2025. SILVA, Gabrielle Bezerra.

SILVA, G. B. A "Reforma" do ensino médio pela perspectiva de jovens escolarizados: estudo de caso em uma escola da rede pública estadual em Porto Alegre-RS. Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/264376>. Acesso em: 03 jan. 2025.

SOFIATI, F. M. Juventudes e religiões: notas dialético-compreensivas. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Debates sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023. p. 71-89. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 02 jan. 2025.

WEISSHEIMER, N. Sobre os jovens agricultores familiares. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Debates sobre juventudes. Porto Alegre, RS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação GEPJUVE/UFRGS, 2023a. p. 138-167. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 02 jan. 2025.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

OLIVEIRA, V. H. N.; PITOL, J. N. P. Juventudes em Cidade Pequena: Percepções, Vivências e Direitos em Gramado dos Loureiros (RS). **Rev. FSA**, Teresina, v. 23, n. 3, art. 5, p. 92-117, Mar. 2026.

Contribuição dos Autores	V. H. N. Oliveira	J. N. P. Pitol
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X